

O TIOFENO

ANO IX - Nº 1

EXPEDIENTE : Nossos pontos de vista não são necessariamente os alheios, mas nos responsabilizamos por êles.

PENSAMENTÃO : "Quando a gente anda sempre para frente, não pode mesmo ir longe..." (Antônio de Saint-Exupéry)

APRESENTAÇÃO : "O Tiofeno" é o órgão oficial de divulgação do D.A. da ENQ e, como tal, tem uma linha de pensamento a seguir. Esta é baseada na Carta de Princípios da chapa "Liberdade e ação" divulgada pouco antes das eleições de 1966, e que diz, logo no seu início: "Lutamos por um conjunto de princípios e ideais voltados para o Homem e o Estudante como ser social sem limitar posições, sem restringir pensamentos, ampliando o diálogo." E diálogo implica em discussão de idéias e troca de opiniões. Sempre estivemos dispostos a promovê-lo, já que vemos êste como o único meio válido para uma tomada de posição consciente de cada um ante a realidade universitária brasileira. Sabemos que alguns dos conceitos por nós emitidos nestas páginas não são aceitos por colegas nossos, aos quais não achamos justo nem honesto que nos fechemos.

O que é preciso é que as opiniões contrárias se manifestem abertamente, para que debatamos os pontos controversos e procuremos os pontos comuns. É êsse o diálogo que buscamos, e dêle precisamos cada vez mais, à medida que o Movimento Estudantil Brasileiro é colocado frente a progressivas restrições. Praticando-o estaremos sempre em dia com nossa situação global, julgando nossas posições unitárias, impedindo que as lideranças se distanciem das bases a ponto de se autogovernarem.

"O Tiofeno" pretende ser um instrumento efetivo dêsse diálogo, e para tanto, comunica aos colegas a criação de sua nova seção, onde será publicada qualquer tomada de posição de qualquer colega, não importando sua posição política ou ideológica, ante a realidade universitária. A nós da Redação fica apenas reservado o direito de defesa de nossas posições. Exige-se apenas quanto à apresentação do artigo para seleção: 1- o artigo deve ser assinado; 2- deve ser datilografado, não ultrapassando meia fôlha (tamanho ofício) em espaço 1.

REDATORES : Bruno; Otávio; Flávio.

COLABORARAM : George, Pitanga, Jean, Celso, Jorge

RETROSPECTIVA da ATUAÇÃO do D.A.

Ao iniciar-se o ano letivo de 1967, aproveitaremos a oportunidade para apresentar um resumo do balanço das atividades do Diretório Acadêmico a partir de sua posse.

Vice-Presidência de Assuntos Educacionais - Sob a responsabilidade do colega Ernani Menaco, essa Vice procurou esquematizar o CEBENQ, o qual deverá em 1967 entrar em pleno funcionamento. Além disso, foi constituída a Comissão de Ensino, que conseguiu algumas vitórias para o Corpo Discente da Escola. A principal delas foi a manutenção do sistema de matrículas e aprovação em vigor no ano passado. Sobre isso, aliás, será feita uma publicação mais detalhada. Conseguiu também que um novo sistema, melhorado e revisto, vigorasse para o 1º ano, já a partir de 1967.

Vice-Presidência de Assistência - Essa Vice, sob responsabilidade e trabalho do colega José Francisco de Aquino Tavares, realizou:

- reestruturação e organização da Farmácia do D.A.;
- convenio com a Faculdade de Odontologia para tratamento dos alunos da ENQ;
- organização dos escaninhos;
- conseguiu a concessão de varias bôlsas para alunos da Escola.

Vice-Presidência de Intercâmbio - Com a colega Ana Garrido à frente, essa Vice realizou nesse período:

- Hi-Fi de despedida em novembro de 1966;
- organização e funcionamento pleno do Departamento de Estágios a cargo do colega Itamar Serpa;
- constituição e funcionamento da Comissão de Recepção aos Calouros, conseguindo da mesma parte dos fundos necessários ao funcionamento do D.A.

Vice-Presidência de Divulgação e Publicidade - A cargo do colega Bruno Andreoni, levou a efeito as seguintes realizações:

- publicação de dois números de "O Tiofeno";
- envio de notas e publicidade do D.A. aos jornais;
- estruturação, juntamente com a Vice de Intercâmbio da Comissão de Recepção aos Calouros;
- funcionamento global do Departamento Editorial, (apostilas) a cargo do colega João Vilhena.

Vice-Presidência de Administração - O colega Edson e sua equipe à frente da Vice apresentaram as seguintes realizações:

- organização geral da Secretaria, trabalho que tomou quase dois meses; manutenção da correspondência em dia;
- recuperação e organização do arquivo geral dos alunos;
- compra de material do D.A. para venda aos alunos;
- confecção das carteirinhas de 1967.

Representação Externa - Entregue aos colegas Dilson e José Augusto que se desincumbiram a contento da missão, levando a palavra da E.N.Q. aonde se fizesse necessário, no sentido de unificação e aprofundamento do trabalho do Movimento Estudantil. O DAENQ prestigiou inteiramente a todas as legítimas entidades estudantis como a UNE, UME, e DCE-livre.

E ainda acrescentamos:

- recuperação, com pintura, instalação de sofás, mesa de ping-pong, quadras de avisos para todas as turmas, inauguração do jornal mural e vitrola da sala-de-estar do D.A.;
- aumento do número de vagas do 1º ano de 100 para 150 de acordo com nossa plataforma eleitoral;
- entrega de um documento detalhado ao Prof. Paulo Emídio, para encaminhamento ao Reitor, sobre a situação do DCE que se diz legal; nesse documento é feita a defesa do DCE-livre e reafirma nossa decisão de acatá-lo e por ele lutar na medida de nossas forças;
- funcionamento do Conselho de Representantes, que conseguiu pela 1ª vez em muitos anos na ENQ, estabelecer um calendário conjunto para todos exames, finais e 2ª época;
- funcionamento atodo vapor da AFENQ, graças a dedicação de um grupo de colegas, com Anthony e Urago à frente.

No mais, o que temos a dizer é que muito trabalho está sendo preparado, e muita coisa será realizada ainda. Apelamos ainda no sentido que todos participem, integrando-se numa luta de cada um e de todos.

OS ESTÁGIOS

O Departamento de Estágios do D.A., com apenas meio ano de exercício de sua atual equipe (agosto de 1966 para cá), tem já um relatório de sua efetiva atuação a apresentar. Gostaríamos de inteirar-los das enormes dificuldades que o nosso tão falado Parque Industrial oferece ao estudante especializado na sua tentativa de maior formação profissional. Poderíamos mesmo classificar essas dificuldades como um prolongamento das falhas de nossa estrutura universitária, cada vez mais carente de autênticas reformas.

Em seu pouco tempo de atuação, o referido Departamento já enviou cerca de 600 ofícios a diversas indústrias em todo o território nacional, solicitando a concessão de estágios remunerados para alunos da Escola. 110 foram respondidos: 84 negativos, 26 positivos. Se incluirmos os estágios conseguidos através de contatos pessoais, chegamos a um total de 39, para toda a ENQ. Desses 39, apenas 20 foram realmente efetivados, por motivos tais, como:

- 1 - anarquia burocrática entre o escritório que concedeu o estágio e a fábrica propriamente dita, provocando recusas de última hora;
- 2 - falta de tempo para que o Departamento confirmasse os estágios conseguidos;
- 3 - opção de colegas selecionados por outro estágio já em andamento, através de contatos pessoais;
- 4 - ausência total ou insuficiência da ajuda de custo e acomodações para o estagiário.

Não é preciso que se fale da importância do estágio para a nossa formação profissional. Por mais que estudemos bem o que nos é ensinado aqui, verificamos que há um mundo de pequenas coisas a serem aprendidas em fábricas: é o próprio sentido prático da profissão que somos obrigados a procurar lá fora. E lá fora, só nos aceitam, salvo as raríssimas exceções apresentadas, quando acompanhados da devida recomendação de pessoa influente.

Será isto discriminação? Será dificuldade financeira? Retração de investimentos e excesso de mão de obra? Medo de nossa concorrência? E o desenvolvimento, necessitando de técnicos, terá parado? Eis apenas o problema apresentado. Mas damos também uma sugestão: porque em nossa Escola o estágio não é oficializado? Uma lei ou um convênio poderiam, talvez, tornar o estágio um prolongamento natural ou obrigatório dos cursos da ENQ. Os técnicos de nível médio, como sabemos, só recebem o diploma após um estágio de 3 meses que o próprio curso, através de sua direção, se encarrega de conseguir. Será que por sermos universitários podemos dispensar este "pequeno detalhe"? Ouserá ele, para nós, ainda mais importante, que tanta teoria aprendemos? A questão está lançada para o debate: esperamos, sim, opiniões.

O Departamento de Estágios, com a experiência adquirida, continuará atuando no sentido de obter um maior número de estágios para as próximas férias. Quer, no entanto, externar sua posição: luta pela oficialização do sistema de estágios como incluso entre as disponibilidades curriculares da ENQ.

O HORÁRIO DA ENQ

Eis uma questão importante, que deve ser analisada.

Caracterizamos o nosso Horário como pseudo-integral, apesar de ser êle dito integral: é dispersivo e não possui qualquer entrosamento. A ausência de um horário organizado e compacto constitui um entrave aos alunos: não só leva a uma formação puramente tecnológica, pois aos alunos não resta tempo a qualquer outra atividade, mas prejudica inclusive o aprendizado, dificultando o desenvolvimento de um estudo estruturado. Por outro lado, impede àqueles que necessitam trabalhar fazê-lo.

Esta, como outras, é uma falha da estrutura da Universidade. Mas, perguntamos, porque ela continua? Será um simples problema administrativo? Respondemos: Não. Esta situação continua, devido, na maior parte, ao mau pagamento aos professores, docentes, instrutores, adjuntos, etc., que têm, então, que fazer "bicos para ganhar o seu sustento. A aplicação do tempo, integral, aos professores - muito citada - só pode funcionar (e devemos apoiá-la), se for acompanhada de uma revisão na política salarial na Universidade, proporcionando justa remuneração aos mestres. Assim poderão eles dedicar-se à Universidade e interessar-se mais por ela, preferindo-a, isto,

O horário existente na Escola é feito de acordo com as disponibilidades dos professores, estas resultantes de suas dificuldades financeiras e pessoais. Ora, o pouco tempo que o professor pode passar na Escola é usado exclusivamente em aulas e outras obrigações indispensáveis. Sentindo este problema, queremos que seja ele solucionado, a fim de que nossos professores - virtualmente nossos desconhecidos - venham tornar-se nossos verdadeiros mestres, convivendo conosco e contribuindo para nossa formação, não só técnica, como humana e social.

Vemos, e vemos claramente, que também este problema tem origens profundas; são da própria estrutura e concepção de nossa Universidade. Só uma verdadeira reforma universitária, dinâmica, autêntica, sem modelos estrangeiros, baseada em nossa realidade e é ela dirigida, só esta reforma nos possibilitará solucionar este problema, ao solucionar as causas que o geram. É por esta reforma que lutamos.

=====

O MEDO: CÔMPUTO DE REFLEXÕES

O instinto de conservação do ser humano, em última instância o leva ao medo. Aqueles que se desfavorecem, quando surge o medo em outros, conseguem neste uma forma de ridicularizá-los.

A última arma do derrotado é a ofensa.

A preocupação em comentar e definir o medo já é antiga:

"É, dos sentimentos humanos, o mais dissolvente, porque nos leva a fazer muita coisa que não queremos fazer, e deixar de fazer muita coisa que queríamos e necessitávamos fazer." (Josué de Castro)

"Não há gente sem medo: este é normal quando consequência da percepção de um perigo real." (Renato Kehl). Porém... "Maior é o perigo onde o medo é maior" (Adágio popular)

Tal sentimento é antigo; nos limita e também pode nos incapacitar diante de alguma situação. "O medo é o instinto que o espírito sente da própria fraqueza" (Leoni Kaseff). É o pior dos conselheiros (A. Herculano)

Um medíocre ou um insano mental, possuídos deste sentimento, podem criar situações incontrolláveis, relacionando então, a noção de infinito a uma qualidade que os humanos tem: a estupidez!

O medroso se desculpa afirmando ser "prudente". Esta qualidade poucos a possuem integralmente. Admiro os cientistas pesquisadores, pois prudentemente, depois de diversos estudos preliminares, lançam-se à tarefa de diminuir as causas do medo.

O medo existe nos fortes e nos fracos, nos tiranos e oprimidos. Os primeiros temem um revés, os segundos temem ser incriminados.

É neste círculo vicioso, milhares de gerações viveram. Quando se iniciou este ciclo? Ninguém sabe. Sabemos simplesmente que apenas o fim do mundo ou das causas do medo poderá ser a saída desta situação.

Cheguei ao final. Acho que computei estas reflexões para desabafar algum arrependimento. Sim, sei que me enquadrei nestas palavras: sou um ser humano... como outro qualquer...

(Mr. A.)

=====

apelo da associação atlética: "o esporte na enq"

não sabemos o que se passa, mas a verdade é que a ENQ está perdendo o seu grande conceito, tão arduamente firmado, no cenário do esporte carioca. precisamos, colegas, participar das competições programadas pela FAE e pela Atlética.

participar da Associação Atlética, prestigiando-a em todas suas promoções é quase um dever. Temos entre nós grandes atletas em várias modalidades, e é desse potencial, aliado aos novos valores, que lançaremos mão doravante para recolocar a ENQ no seu devido posto entre as grandes forças esportivas universitárias da Guanabara.

vibre com a sua Escola nas competições!

procure qualquer membro da Atlética e integre-se a ela!

a ENQ precisa do seu valor!

ARTE E CULTURA

A FUNÇÃO DO CINEMA

Porque o homem é capaz de se sensibilizar com a Arte? Ou nas palavras de Cocteau: "A poesia é indispensável. Se eu ao menos soubesse para que..." O cinema é indispensável...

A necessidade primitiva da arte, provém do desequilíbrio entre o homem e a vida. Este equilíbrio, totalmente, é impossível de ser conseguido; logo a arte sempre se fará necessária em qualquer tipo de sociedade.

O ser humano então, procura, através do que designamos como Arte, um mundo melhor, completar-se, tornando-se um ser total.

Em nossa sociedade, o indivíduo identifica-se na arte com determinados tipos e condições, mas sem riscos e compromissos. Neste ponto a Arte torna-se diversão. Durante o período em que participa de um filme ou peça de teatro como espectador, o desequilíbrio entre ele e a vida desaparece, o mundo torna-se mais acessível através de uma forma que é irreal.

Porque não mudar verdadeiramente a realidade? "Nosso teatro precisa estimular a avidez da inteligência e instruir o povo em mudar a realidade." (Brecht) Instruir o indivíduo em mudar a realidade é função fundamental da arte, mudando pois o que lhe é adverso o homem completar-se-á em um sentido mais verdadeiro e amplo. No momento que o pleno e livre desenvolvimento do homem torna-se possível, o indivíduo não consegue mais separar-se da sociedade, pois tenta sempre subjugar-la a seu poder e idéias.

O cinema, pelo seu próprio meio de expressão, visualização e movimento, é a arte mais comunicativa do nosso século; assim como houve o século da pintura e da música, o Século XX é fundamentalmente visual, e é também o período em que espaço e tempo são encarados sob nova perspectiva, através da Teoria da Relatividade. Visão, espaço e tempo são instrumentos cinematográficos por excelência. Por isso o cinema pode atingir mais diretamente o indivíduo em nossos dias.

Levando-se em conta a função fundamental da Arte e o poder de comunicação do cinema, torna-se necessário que o mesmo aborde a realidade social em toda sua complexidade, evitando deste modo ser um fator de desligamento do indivíduo da realidade. Ao mostrar o realismo social, o filme deve além de uma observação racional sobre os fatos, analisá-los historicamente, tornando-se assim didático, sem deixar de ser estético. Em outras palavras: o cinema deve fazer com que o espectador pense sobre a realidade, participe em sua transformação, e não com que se alheie dela.

BERTOLT BRECHT

Nome que tem recebido muita publicidade e atenção por parte dos círculos teatrais e intelectuais em geral, Bertolt Brecht vem tendo, no Brasil, reconhecimento póstumo muito merecido - "Brecht é tão importante quanto Shakespeare, para o teatro".

Com o desenvolvimento de uma "doutrina" que tentava explicar a sociedade e nela atuava, como forma imprescindível de atender as suas pressas. Com esta tentativa de explicação da sociedade, pela primeira vez de forma científica - o marxismo - tornava-se necessário um reflexo dessa situação em todos os aspectos da vida social. Ora, não é nada simples isso. A arte comprometida, "engajada", e portanto dotada de uma profunda conotação didática - ideológica - precisava em cada uma de suas formas, de duas coisas fundamentais: 1- uma reformulação estética; a análise do naturalismo, do realismo, do romantismo, e 2- um artista capaz de, pelo seu nível artístico, criar escola. Tal nem sempre foi possível, por interpretação errônea do subjetivismo inerente, por exemplo, à pintura.

No caso do teatro entretanto, o resultado foi esplêndido. Tivemos Gorki, grande artista, apesar de não atender ao primeiro requisito acima. Demorou, é verdade - demora o aparecimento de um gênio universal - mas aconteceu. Surgiu Brecht na ânsia de reformar o teatro, reformulando suas bases.

Nessa reformulação devemos ver dois aspectos: 1- teórico; 2- teatral propriamente dito. Do ponto de vista teórico o marxismo é influência posterior, decisiva. O primeiro grande impulso é contra o teatro stanilawskiano da época, no qual "o ator se transformava no personagem" através de exaustivo treinamento. Agora o ator passaria a criticar o personagem durante a própria representação. É o reconhecimento da dualidade teatro dramático.

Eis nas palavras de Brecht, a dualidade teatro épico-teatro dramático

Forma dramática

- o palco encarna um fato
- envolve o espectador numa ação
- consome sua atividade
- proporciona-lhe sentimentos
- comunica-lhe vivências
- o espectador é envolvido numa ação
- utiliza-se a sugestão
- as sensações são conservadas
- o homem é dado como conhecido
- o homem é imutável

- seus impulsos
- os acontecimentos ocorrem linearmente
- natura non facit saltus
- o mundo como ele é

Forma épica

- o palco narra um fato
- transforma o espectador em observador do fato
- desperta sua atividade
- obriga-o a tomar decisões
- comunica-lhe conhecimentos
- ele é colocado em face a esta ação
- utilizam-se os argumentos
- são levadas até o reconhecimento
- o homem é objeto de pesquisa
- o homem é mutável e em transformação
- seus motivos
- segundo cursos irregulares

- facit saltus
- o mundo como ele se torna

Acima de tudo, fica que "o homem é aquilo em que se transforma". De
ssa premissa partiu Brecht para ataques violentos contra a exploração do
homem pelo homem (deformadora do que dele há de mais profundo) pelas clas
ses dominantes, com verdadeiros convites à revolta: "que diferença há en
tre fundar um banco, e roubar um banco?", ou sarcasmos àquelas classes
(às quais pertencem os que vão ao teatro, em grande maioria - exceto quan
do o teatro vai ao povo): "o rico não se importa de ouvir falar em misé
ria; o que ele não pode suportar, é ver a miséria".

Graças a Brecht, com pouco risco de erro, temos hoje um bom teatro
"engajado", atuante. (Não fique aqui implícito que o teatro dramático não
seja importante, - é)

apresentação do TUCA (teatro universitário carioca)

os universitários de maneira geral, quer estudem ciências humanísticas,
ou ciências exatas, sentem uma necessidade quase vital de desenvolvimen
to cultural, no plano individual e das aspirações coletivas; isto se
traduz na discussão constante e na procura permanente.

nesta perspectiva, isto é, com o sentido de contribuir para este desen
volvimento intelectual, aglutinando em torno da arte e da cultura em todos
os seus aspectos, surgiu o TUCA, ponto de convergência cultural do univer
sitário, integrando-o inclusive no processo de renovação de que carece o
movimento intelectual brasileiro.

para atingir estes objetivos, o TUCA já realizou durante todo o ano passa
do, cursos e conferências sobre teatro, e deverá prosseguir na mesma linha
este ano, além, é claro, de procurar não se restringir ao teatro apenas.
sua primeira atividade concreta este ano, além de alguns shows musicais,
será a encenação de "O Coronel de Macambira" de Joaquim Cardoso, peça es
sencialmente brasileira, baseada no "bumba-meu-boi" do folclore nordestino,
com toda sua ironia, beleza rítmica, ingenuidade, e todo seu protesto.
Tem direção de Amir Haddad e música de Sérgio Ricardo, perfeitamente inte
grados, possibilitando uma linha dramática clara e objetiva. A peça estre
ou dia 4 de maio no Teatro República.

ainda este ano, o Tuca promoverá curso sobre Brecht, com aulas práticas e
teóricas, um Curso de interpretação, cursos de direção teatral e dramatur
gia; além disso levará uma promoção musical bastante intensa, no sentido
de incentivar novos artistas, tanto de música erudita quanto de música po
pular brasileira.

logo após a estréia da peça, foram abertas inscrições para participação
em todos os departamentos do TUCA; estão portanto desde já convocados to
dos os interessados nesta iniciativa de busca de novas formas de comunica
ção artística e cultural.

apresentação do CEBENQ (centro de estudos brasileiros da ENQ)

é fácil verificar que numa faculdade técnica, onde se exige muito do estudante, é comum ocorrer o que se convencionou chamar de "bitolação". Prendendo-se cada vez mais, por imposição das circunstâncias, à sua formação técnica, o estudante progressivamente abandona toda formação cultural e humanística, pois esta não lhe é apresentada de forma acessível e de acordo com suas disponibilidades de tempo.

limita-se então a dar uma atenção esporádica e superficial (informação puramente jornalística, ocasional freqüência a teatros e cinemas) ou mesmo, a ignorar temas de uma importância capital para a formação de um indivíduo em uma sociedade moderna.

é óbvia e coletivamente aceita a afirmação de que um técnico "puro" não é um elemento social completo. Mas é igualmente óbvia, se bem que raramente reconhecida, a afirmativa de que, de um modo geral, os estudantes das escolas técnicas ou ignoram pura e simplesmente a temática cultural-humanística, ou têm conhecimentos superficiais, distorcidos e mistificados sobre esses assuntos.

o CEBENQ foi criado pelo D.A. da ENQ com o sentido de demonstrar ao estudante a necessidade de uma atividade complementar à sua formação técnica, motivá-lo, e dar-lhe condições de realizar essa complementação.

esse tipo de atividade foi previsto e julgado fundamental por educadores de todo o mundo, inclusive os planejadores da Reforma da UB em suas "Diretrizes para a reforma da UB": "Dos fins da Universidade: 2.3: A difusão da cultura, em qualquer nível, em ampla comunicação com o povo; 2.4: A tomada de consciência dos problemas nacionais."

assim nos Estatutos do CEBENQ (1962) encontramos: "O CEBENQ tem como finalidade complementar a formação exclusivamente técnica que é oferecida aos alunos da ENQ; colocá-los em contato com a realidade cultural e social do país e do mundo, promover o amplo debate e estudo dos assuntos abordados" durante os anos de 65 e 66, principalmente este último, o CEBENQ não funcionou. Talvez seus responsáveis também se tenham deixado levar pela bitolação geral; o fato é que não funcionou.

para o ano de 67 pretende-se transformar o CEBENQ em órgão de atuação real. Para tal, entretanto, ele vai precisar da colaboração de um grande número de alunos e, principalmente da participação de todos em suas promoções.

o CEBENQ pretende ser um centro de fermentação de idéias, e para tal é necessário que todos dêem um pouco de si; que ponham em discussão o que pensam, que discordem, concordem, cheguem a conclusões, mas antes de tudo, que participem.

convidamos a todos mais uma vez, - especialmente aos colegas do 1º ano, a quem as atividades do CEBENQ, fora sua finalidade de contato com a realidade nacional; servem também como fonte de integração com o resto da Escola e entre si.

para finalizar, citaremos as atividades iniciais do CEBENQ em 67: Feira de livros técnicos russos; Show "Eu chego lá"; Show de jazz (c/ o TUCA); Concerto de violão c/ Sebastião Perazzo; 1º Caderno do CEBENQ (anuidades); Conferência e debate sobre a Encíclica "Populorum progressio" c/ Frei Eliseu Lopes; Filme "Vidas Secas" (c/ o CIBENQ).

obs.: as eleições para constituição do Conselho Curador do CEBENQ se realizarão próximamente; pedimos atenção e seriedade para este ato.

apresentação do CIBENQ (cine-clube da enq)

o CIBENQ iniciou suas atividades de 1967 com o filme de Néelson Pereira dos Santos, "Vidas Secas". Um tema brasileiro. Nosso cine-clube dará especial atenção aos filmes brasileiros: ciclos, debates e conferências com críticos e diretores. A programação será divulgada oportunamente, tendo em vista que se pretende levar aos colegas não apenas o cinema como diversão, mas também como estudo da realidade brasileira.

SEÇÃO DE DEBATES

(Esta seção é aberta aos colegas que quiserem contribuir com sua opinião sobre problemas universitários e gerais, sob as condições da página 1)

Dois tópicos sobre anuidades

1 - Política econômica e política estudantil: interligações.

Porque são cobradas as anuidades? Dizia, já, um filósofo grego que, "se uma tartaruga cai em nossa cabeça, nós levantamos os olhos para o céu e vemos uma águia passar". Com isto quis dizer que nada acontece por acaso. Em nosso caso concreto: se as anuidades são cobradas, isto significa que existem interesses nessa cobrança.

Há uns dez anos atrás, quando o Brasil atravessou uma fase de desenvolvimento, falava-se em reforma universitária nas esferas governamentais. Naquela época, abriam-se novas indústrias, expandiam-se as oportunidades de emprego. "Técnicos para o desenvolvimento", dizia-se então. Aliás, essa política nunca foi levada a efeito, pelo choque apresentado com as instituições tradicionais, pois dela poderiam surgir forças "excessivamente" democráticas e reformistas. Mas onde foram parar esses interesses, estes "slogans"? Hoje, o Brasil vive uma situação de crise. Hoje, fecham-se as indústrias, o desenvolvimento está bloqueado. No caso da Química, por exemplo, houve uma retração no Mercado de Trabalho, assim como em outros ramos. Daí o restringir-se a formação de técnicos, em consonância com o menor número de oportunidades existentes. Um dos meios para isto: anuidades.

2 - Argumento de Ministro.

Numa entrevista recente, o naquela época ministro da educação e hoje Reitor da U.B. Sr. Moniz de Aragão, afirmava que os alunos pagavam a cursos vestibulares taxas elevadas. Disse não entender o protesto da classe estudantil contra as anuidades, um vez que estas eram taxas a baixo, bem abaixo das outras. Realmente, já que, no ano passado, uma, somente uma mensalidade de curso vestibular custava R\$ 60, e o salário mínimo era de R\$ 84. Já neste ano, temos: Curso Vestibular, R\$ 90, e salário mínimo R\$ 105, vendo-se que aumentou o custo relativo do curso pré-vestibular.

Por outro lado, a enquête feita na ENQ pelo D.A., com propósito de orientar e ajudar os futuros colegas, continha a pergunta: "Acha que poderia fazer concurso para a ENQ sem precisar de curso vestibular"? A percentagem dos que responderam negativamente foi de 60%.

Assim vemos que os cursinhos têm uma causa. Sua existência se deve à comercialização e desorganização reinantes no Ensino secundário, à falta de programação, à fiscalização deficiente, tudo isto levando o aluno a pagar qualquer preço que suas condições permitam, para suprir as deficiências do curso secundário e poder tentar alcançar a universidade. Assim, respondemos ao atual Reitor que seu argumento não tira o sentido de nossa luta, apenas ressalta a existência de mais um aspecto deficiência global, que faz com que lutemos contra a DISCRIMINAÇÃO ECONÔMICA, em prol da GRATUIDADE DO ENSINO, a fim de que a Universidade atinja seu verdadeiro objetivo: SER A CONSCIÊNCIA SOCIAL DA NAÇÃO.

Obs.: lembramos que os alunos das Escolas Militares, não pagam anuidades e ainda recebem vários benefícios: sôlido, tempo de serviço, refeições grátis (e de boa qualidade), etc.